



ENTRE A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E A DISCIPLINARIZAÇÃO DE CORPOS: APONTAMENTOS INICIAIS ENTRE PIERRE BOURDIEU E MICHEL FOUCAULT

Ketlin Braatz¹

Patricia Raasch²

Rodrigo Díaz de Vivar y Soler³

O presente texto problematiza a Educação brasileira, buscando compreender em que medida as escolas ainda reproduzem modelos do início da era industrial moderna e como são atravessadas pela violência simbólica. O estudo é de abordagem qualitativa e se insere no campo das investigações de caráter bibliográfico. Utiliza-se dos conceitos de disciplinamento de Michel Foucault e violência simbólica, de Pierre Bourdieu.

A Escola, da maneira como a conhecemos hoje, tem seus fundamentos na sociedade disciplinar. Um dos seus principais objetivos seria o de formar corpos disciplinarizados e úteis ao capitalismo. Ou seja, uma mão-de-obra adaptada aos processos mecânicos e repetitivos. Dentre os efeitos promovidos pela escola na sociedade, cabe destacar a individualização e o disciplinamento (FOUCAULT, 2004).

A Escola do século XXI reproduz o modelo escolar da sociedade disciplinar ao priorizar a homogeneidade, a uniformidade, a repetição, a divisão e a classificação. Estes dispositivos operam a partir de algumas características específicas, dentre as quais pode-se mencionar: a abordagem única, o currículo enciclopédico, a memorização, a transmissão de valores e saberes de modo oral, a separação entre mente e corpo, trabalho

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: kbraatz26@gmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: profpatriciaraasch@gmail.com

³ Professor efetivo do curso de Psicologia e do curso de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: diazsoler@gmail.com

**CONGRESSO
INTERNACIONAL
ENSINO MÉDIO E
EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA AMÉRICA LATINA**



e lazer, fatos e interpretações, lógica e imaginação ainda permanecem na escola atual. (GÓMEZ, 2015).

Nesse sentido é importante destacar que o desinteresse dos jovens pela Escola tem se manifestado de forma acentuada. O quadro se agrava quando pensamos no Ensino médio. Boa parte dos estudantes mostram-se num estado de apatia constante, de ausência de interação, de desinteresse na realização das atividades propostas. Nessa perspectiva, quando olhamos para a educação escolar, sentimos certas inquietações, que se apresentam como um sentimento de frustração e fracasso, o que nos leva a refletir sobre a práxis. Pensando acerca dos dispositivos causadores deste fracasso, refletimos sobre a *violência simbólica* praticada dentro dos sistemas escolares. Conforme Bourdieu, a violência simbólica trata-se de uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8).

Para o autor, a sociedade é composta de um sistema de dominação, onde a violência simbólica é exercida em diferentes instituições, como a família, a Escola, a Igreja e o Estado e se difunde por meio dos interesses das classes hegemônicas. Esse exercício da violência simbólica só é possível graças à construção sócio-histórica da desigualdade e da exclusão dos dominados, ou seja, as classes marginalizadas. Nesse sentido, a Escola seria o local onde as classes hegemônicas continuam legitimando os mecanismos de poder através da submissão e da exclusão dos menos favorecidos (que aceitam esse processo como “natural”, em função da imposição de sistemas de comunicação e conhecimento que estão alinhados à cultura dominante, e do qual não conseguem se desvencilhar justamente por lhes ser naturalizado).

Nos anos 1980, Maria Helena Souza Patto, no livro *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*, abordava uma série de problemas na escola pública brasileira: as situações de analfabetismo funcional, a falta de responsabilidade dos governantes (que tratam a educação com um produto barato, pois o investimento na educação é escasso e a valorização dos profissionais ainda é escassa ou irrelevante), os modos de transmissão de conteúdos, ainda arcaicos, que não valorizam a formação crítica, o que acarreta na manutenção do sistema de dominação, visto que a Escola não cumpre o

**CONGRESSO
INTERNACIONAL
ENSINO MÉDIO E
EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA AMÉRICA LATINA**



seu papel essencial, que seria o de promover a emancipação dos indivíduos de qualquer forma de submissão. Após quatro décadas, esses problemas ainda continuam presentes nas nossas escolas.

Refletindo sobre o modelo industrial de Escola que ainda temos e sobre o exercício da violência simbólica, perguntamo-nos: “o que é preciso fazer?”. Não há respostas prontas nem fórmulas mágicas que resolvam os problemas. Mas há alternativas e caminhos viáveis. A Escola desse início de século precisa fazer investimentos para desenvolver métodos de investigação e de recriação, e não de memorização. “(...), o esforço é necessário em toda a aprendizagem, mas tal esforço deve ser guiado pelo prazer de aprender, pela curiosidade que infelizmente a escola convencional se empenha em coibir.” (GÓMEZ, 2015, p. 42-43)

Nesse sentido, investir em metodologias baseadas na pesquisa pode favorecer o desenvolvimento intelectual, estimular a criatividade, promover a autonomia e reduzir os processos de hierarquização (professor-aluno), transformando as crianças e jovens em sujeitos críticos e emancipados.

No ensino como investigação, o aluno é confrontado com situações e problemas que integram a sua experiência social e às quais ele precisa encontrar soluções ou recriar situações da vida cotidiana que respondam às necessidades da realidade em que está inserido. Nesse movimento, o professor torna-se o mediador dessa interação, que será transformada em aprendizagem por meio da atividade prática, que se torna significativa para o estudante.

Por fim, é necessário compreender que a violência simbólica possui uma dinâmica que se articula com o contexto social reproduzindo, principalmente, preconceitos instaurados nos discursos e nas atitudes. Nesse sentido, as instituições educacionais operam no nível pedagógico e conservam posições de poder, ao enfatizar a classe dominante e estigmatizar as minorias, revelando discursos com traços sexistas, racistas ou homofóbicos. Por isso, é importante romper com essas manifestações de violência, principalmente dentro dos espaços educacionais, onde crianças e jovens devem estar inseridos para uma transformação social, sobretudo para lidar com as diferenças. E lutar por uma Escola que considere a realidade dos estudantes na sua formação integral e social.

**CONGRESSO
INTERNACIONAL
ENSINO MÉDIO E
EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA AMÉRICA LATINA**



Palavras-chave: Violência simbólica. Disciplinamento. Educação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 29. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Vozes, 2004.

GÓMEZ, A. I. Perez. **Educação na Era Digital: a escola educativa**. Tradução Marisa Guedes, Porto Alegre: Penso, 2015.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1999.